



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
CURSO DE JORNALISMO**

KAMILLA SMIKADI R. ARRUDA DA SILVA XERENTE

**VÍDEO-DOCUMENTÁRIO – VELHAS RAÍZES, NOVOS TEMPOS: CULTURA
E TRADIÇÃO DO POVO AKWÊ-XERENTE**

[MEMORIAL DESCRITIVO]

PALMAS – TO

2021

KAMILLA SMIKADI R. ARRUDA DA SILVA XERENTE

**VÍDEO-DOCUMENTÁRIO – VELHAS RAÍZES, NOVOS TEMPOS: CULTURA
E TRADIÇÃO DO POVO AKWÊ-XERENTE**

[MEMORIAL DESCRITIVO]

Memorial descritivo de prática jornalística apresentado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins, como requisito obrigatório para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Professora. Dra. Adriana Tigre Lacerda Nilo

PALMAS - TO

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586v Silva Xerente, Kamilla Smikadi Rodrigues Arruda da .
Velhas Raízes, Novos Tempos: Cultura e Tradição do Povo Akwẽ-Xerente
. / Kamilla Smikadi Rodrigues Arruda da Silva Xerente. – Palmas, TO, 2021.
46 f.

Relatório de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Palmas - Curso de Jornalismo, 2021.

Orientadora : Adriana Tigre Lacerda Nilo

1. Cultura Akwẽ-Xerente. 2. Tradição . 3. Tecnologia. 4. Indígena. I. Título

CDD 070

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO: PRÁTICA JORNALÍSTICA

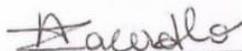
KAMILLA SMIKADI R. ARRUDA DA SILVA XERENTE

**VELHAS RAÍZES, NOVOS TEMPOS: CULTURA E TRADIÇÃO DO POVO
AKWÊ-XERENTE**

Memorial descritivo de prática jornalística apresentado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins, como requisito obrigatório para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

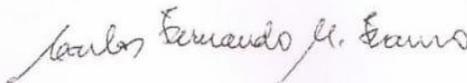
Data de aprovação: 30/09/2021

BANCA EXAMINADORA:



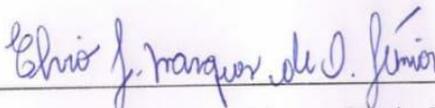
Profª. Drª. Adriana Tigre Lacerda Nilo – UFT

Orientadora



Dr. Carlos Fernando Martins Franco – UFT

Examinador



Msc. Elvio Juanito Marques Oliveira Jr - FASEC

Examinador externo

Palmas/TO, 2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus (Waptokwa Zawre) pela vida, pela saúde, sabedoria e força que tem me dado até aqui, em segundo lugar quero agradecer aos meus pais: Judas Tadeu Rodrigues de Arruda (em memória) e a minha mãe Márcia Stukrepre Xerente por tudo que sou e consegui até aqui, com certeza sem o apoio, cuidado e incentivo deles hoje não estaria aqui.

Ao meu esposo Armando Sõpré Xerente pela parceria, força e ajuda que tem me dado sempre e principalmente nessa etapa da minha vida e a minha filhinha Ana Kamilla Aptudi que trouxe mais força de vontade e motivação para essa conclusão, aos meus enteados (as) que se fizeram presente ajudando e contribuindo no que podiam quando precisei.

Aos meus irmãos, irmãs, sobrinhos (as), tios (as), primos (as), sogro e sogra. Agradeço aos familiares indígenas da parte da minha mãe e não-indígenas da parte do meu pai que sempre fizeram parte dos momentos da minha vida e dos meus sonhos, me acolhendo e me ajudando sempre que eu precisava.

Agradeço também aos meus avós, Isabel Wakrtidi Xerente e Justiniano Sawrepte Xerente (em memória) pelos conhecimentos e ensinamentos que tem me dado desde criança.

Agradeço também a minha orientadora Adriana Tigre por estar comigo nessa etapa, pelo carinho, por cada orientação, correção e ensinamentos que tem me dado com suas experiências e sempre com muita dedicação. Suas idéias e aconselhamentos foram de grande importância para o desenvolvimento e conclusão do meu trabalho.

Agradeço a todos os professores que passaram em minha vida me dando suporte e sabedoria e conhecimento, em especial ao professor e tio João Smirêzanê Xerente que me ensinou a ler e escrever as primeiras palavras.

Por fim, agradeço ao meu povo Xerente, aos participantes do meu trabalho que me concederam as entrevistas, aos profissionais envolvidos e a todos os amigos (as) que estiveram comigo nessa jornada da vida, me dando força. Agradeço por acreditarem no meu potencial me estimulando a ser uma pessoa melhor todos os dias.

Tenhazêê a todos!

ĪPKĒ TO NĀ ĪSIWASKU ZE (Agradecimento)

Dawanā wazatō Waptokwa Zawre damā ĩpkĕto wasku, karihĕmba psĕ mnō wa, aimō ĩhāze kōsnā krimōr wa, ĩkrāiwaihu datīm sōmr wa kātō ĩnĭpttdĕ tō kumrmā, are wazatō dure ĩpkĕ to wasku ĩtdĕkwai nōrai mā, ĩptokwa Judas Tadeu Rodrigues de Arruda āma, tahā tetō ĩpkĕ wamsi krhĕmba tokto kātō ĩsimāzus zep wa, are dure ĩpkĕ toiti ĩzepakwa Márcia Stukrĕpre Xerente ĩmĕ hĕmba zem hawi, tākā nōrai kōwa arknĕ wĕ to kumrmā ĩt kmā kahōs kōdi.

Īpkĕ to nā wazatō dure ĩmrō Armando Sōpre Xerente āmā aimō ĩmĕ hĕmba zem hawi siptdĕ tkrĭm som mnō zem hawi, kātō dure ĩkrā sĭm pikōirĕ mā Ana Kamilla Aptudi āmā, tahā krĕwatbrozem hawi mātō mnĭ siptdĕ ĩm kāwis aimō tākāhā hĕsuka ĩt kmā krāinĭstu pibumā, are dure ĩpkĕ toiti ĩkrawaptem nōrĭ aimō siptdĕ tĭm sōm wa kātō tĭwaihkā mnō wa.

Wazatō dure ĩpkĕ to nā ĩsiwasku ĩhitbre nōrai mā, ĩpnāi nōrai mā, ĩnōkrĕmzukwa kātō inā nōrai mā, kātō dure ĩmōprĕbba nōrai mā. Are dure kbure ĩzepakwai nōrai nĭm akwĕ nōrai mā ĩsize tānmĕ ĩt hrikō nōrai mā, kātō dure kbure ĩptokwai nōrai nĭm akwĕ tākānmĕ ĩsize ĩthri kō nōrĭ, kānōrĭ mātō tō ĩsnākrtā hawi ĩmĕ thĕmbakw.

Are dure ĩpkĕ to nā ĩhĭkrtarĕ sĭ pikōi damā ĩsiwasku, Isabel Wakrtidi Xerente damā kātō dure ambā damā Justimiano Sawrepte Xerente damā, tahā tetō dure ĩpkĕ wamsi khĕmba, tahā mātō dure romkmādā tkrĭm wasku mātō tkrĭm rowahut aikterem hawi.

Kānmĕ wazatō dure ĩnĭm rowahtukwai mā ĩpkĕ to nā ĩsiwasku, Adriana Tigre āmā, aimō si pkĕ hawi tĭm rowahtuzem hawi, tākāhā hĕsuka ĩt kmā krāinĭstu pibumā. Sĭm romkmādkā pĕ mātō aimō wasku kātō pkĕ pa zem hawi dure ĩmā.

Are dure ĩpkĕ to nā ĩsiwasku kbure rowahtukwa ĩzrurĕre hawi tkrĭm rowahtu mnō nōrĭ, smĭsi tōtahā tō ĩnōkrĕmzukwa João Smĭrĕzanĕ, tahā mātō ĩt kuikre waihku pibumā ĩm rowahut.

Twa tākāsi, tō ĩpkĕ toi zawre si waza aimā kba iswasku kbure Akwĕ mā Xerente nā krwasikmātom mnō, ĩpkĕ toiti dure akwĕ nōrĭ wanĭm romkmādkā tĭm kawasku nōrĭ kātō tĭm kburōi nōrĭ, ĩtoiti tōka nōrĭ aimō ĩkmādkā prĕkwa ĩsikwanĭzem hawi.

Tenhazĕtĕ kbure mā!

RESUMO

Velhas Raízes, Novos Tempos: Cultura e Tradição do povo Akwê-Xerente é um vídeo-documentário de curta duração que busca trazer a cultura, tradição e os costumes do meu povo Xerente. Composto por quatro personagens Akwê-Xerente, este vídeo-documentário apresenta narrativas nas quais o passado e o presente defrontam-se nas reflexões sobre o modo de viver indígena e as formas de vivenciar as tradições, conforme as experiências de vida de cada um dos anciões e dos jovens entrevistados.

O presente trabalho também traz as consequências da incorporação de novas tecnologias que se fazem presentes em nosso meio e junto a isso as mudanças de hábitos e comportamentos da nova geração. É um processo de ampliação de fontes de informações que se baseia em mudanças ocorridas ao longo dos anos, trazendo a história de vida deles através de depoimentos de como era e como está sendo a vida do Xerente nos tempos atuais.

Palavras-chave: Cultura Akwê-Xerente; tecnologia; documentário indígena.

ĨKMĂM KRTABI ROMWASKU (resumo)

Wdê pa krda kătô wahum te: Romkmădă kătô Dasihăzum ze Akwê nōrai tē, kăhă tō dahêm̃ba năhă romkădă wasku, krturêki zahă wanīm romkmădkă năhă, kănmê wazatô wasku ahămă hă dasimazus ze, ahămă hă rokămădă kătô dure tākăinī hă dasimăzusze kătô kuinīhă romkmădă, kănmê zatô wawê nōrī ro tkrê kmăkmădkă, wasku sīm romkmădkă hawi kătô simăzuszem hawi.

Are waptem nōrī zatô dure tâinnī hă romkmădă wasku sīm romkmădkă hawi simazuszem hawi, nhanê snă aimō mnī romkmăkdă sikdăi mnō tō kumrmă, wanōr tēhă ktăwankō tmê kătô ktăwankō hawim hă akwê nīm romkmădkă. Tăkăhă ĩnipi zatô dure wasku nhanê waptem nōrī tākăinī knmrōmnō, nhanê krsīm romkmădkă mnō. Kătô dure romkmădkă krīhêm̃ba par mnō wazatô wasku tākănmê, akwê waikwa mba hă ro krīkrêpus mnō.

Darmmê-nīsdū: Akwê nīm Romkmădă; tecnologia nă dat krwatrê mnō; akwê dahêm̃ba năhă.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. OBJETIVO	12
3. JUSTIFICATIVA	13
4. REFERENCIAL TEÓRICO	14
4.1 Povo Akwê-Xerente e seu território	14
4.2 A nossa cultura e tradição	16
4.3 A educação escolar indígena	19
4.4 Língua Akwê-Xerente	21
4.5 Experiência de vida sem a tecnologia	23
4.6 A incorporação das novas tecnologias em nosso meio	24
4.7 Mudança de hábito dos jovens Xerente	28
4.8 Conceitos de documentário	31
5. PROCEDIMENTOS TÉCNICOS	32
5.1 Processo de produção	32
5.2 Cronograma de atividades: Produção e execução do projeto Velhas Raízes, Novos Tempos: Cultura e Tradição do Povo Xerente.	35
6. DESCRIÇÃO DO PRODUTO	36
6.1 Vídeo-documentário “Velhas Raízes, Novos Tempos: Cultura e tradição do povo Akwê-Xerente”	36
6.2 Orçamento de execução do trabalho	37
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
9. ROTEIRO DE GRAVAÇÃO	41

1. INTRODUÇÃO

Desde muito cedo, na Escola Indígena Sawrepte localizado na aldeia Zé Brito – Hêspohurê, local onde eu nasci e cresci, então surgiu em mim o desejo, a vontade de registrar os momentos que para mim se faziam importantes.

A Escola Indígena Sawrepte foi onde eu fiz os meus primeiros anos do ensino fundamental, na qual o professor era, e atualmente ainda é, o meu tio João Smirêzanê Xerente.

Naquela época, meus primos e primas e eu vivíamos em mundo totalmente diferente do mundo atual. Não tínhamos acesso às tecnologias, muito menos aos aparelhos fotográficos ou aparelho celular, então nosso único meio de registrar as coisas e os momentos era através de desenhos, e assim eu fazia com apenas uma folha de papel em branco e lápis de cor.

As coisas que eu desenhava não eram um simples desenho feito por uma criança, mas sim um registro de algum local ou acontecimento que para mim se tornou marcante e importante e, por esse fato, lembro-me que sempre ganhava elogios de quem os via.

E assim fui crescendo, aperfeiçoando cada vez mais os meus desenhos até porque desenhar era uma das minhas brincadeiras favoritas, mas, naquela época, em nenhum momento parei para pensar o que eu queria ser quando crescesse, apesar da pergunta ser frequente pelo professor e pelos meus pais.

Em 2010 entrei no Centro de Ensino Médio Indígena Xerente – CEMIX WARÃ para terminar o ensino fundamental e começar o médio. Lembro-me de que lá foi à época em que fui me descobrindo aos poucos.

Adorava participar das oficinas de desenho que lá aconteciam. Lembro que também buscava dentro de mim, a resposta sobre que profissão eu pretendia seguir, que curso eu iria fazer depois que terminasse o ensino médio.

No CEMIX eu gostava muito de conversar com os professores sobre meus planos e sonhos, e a professora Rita Monteiro, que nos dava aula de português, era uma das melhores para conversar sobre isso. Ela sempre me incentivava, era crítica em suas correções de redação que a gente fazia, mas sabíamos que era para o nosso próprio bem. Ela dizia que eu era uma boa aluna e que eu podia ser o que quisesse no futuro; claro se continuasse me esforçando.

Durante o tempo em que fiquei lá estudando, sonhei em ser artista plástica, professora, enfermeira e várias outras profissões, menos jornalista, que eu nem sequer conhecia direito essa profissão.

Até que um dia surgiu o Jornal Cemix, uma invenção da equipe da escola com intuito de atualizar e divulgar os acontecimentos ocorridos no Centro de Ensino e me colocaram para ser uma das comunicadoras do jornal.

Assim foi e no final me saí muito bem como “jornalista” e até ganhei elogios. Professor que ministrava língua indígena na época, Silvino Sirnãwê, falou que eu tinha de fazer jornalismo porque eu era boa nisso.

A partir daí, coloquei em meus planos que eu tinha que ser enfermeira ou jornalista, porque eu sempre admirei muito essas duas profissões, de alguma forma sempre quis ajudar a minha família, o próximo e contribuir em prol do meu povo Xerente vendo-me formada em uma dessas áreas.

Então terminei o ensino médio, fiz inscrição no Enem, optando primeiro pelo curso de enfermagem e em lugar segundo jornalismo. Não consegui ser aprovada em enfermagem, porém, para a minha alegria, passei em jornalismo.

Enfim, agora estou aqui, após quatro anos cursando o curso de jornalismo, estou na reta final, produzindo meu memorial para o TCC.

Não foi fácil chegar até aqui. Na verdade nada é fácil para os estudantes, principalmente quando se trata de nós indígenas. Ainda crianças temos de sair de nossas aldeias, fazer um longo percurso de ônibus até a escola para dar continuidade aos estudos. A luta é árdua e os desafios não são fáceis.

Eu mesma tive de enfrentar muitas situações difíceis no período escolar e também na vida acadêmica. Passei por dificuldades, sofri com distância, cansaço e muitas outras situações, por muitas vezes tive apenas que abaixar a cabeça e chorar pedindo força a Deus para continuar. Lutei e passei por vários obstáculos no decorrer do curso, mas graças a Deus, aos meus pais e às pessoas que me amam, hoje estou aqui, prestes a concretizar o meu sonho.

Para a conclusão deste curso, sempre tive como expectativa a realização de um produto que me permitisse explorar a cultura e os costumes e tradições do meu povo, registrando através de imagens, em forma de vídeo-documentário.

Velhas Raízes, Novos Tempos: Cultura e Tradição do povo Xerente_é um vídeo documentário produzido na minha língua materna Akwê-Xerente que busca trazer a

cultura e tradição, juntamente com a vivência do passado e do presente do meu povo, da etnia Xerente, e a incorporação de novas tecnologias em nosso meio.

Neste trabalho irei mostrar um pouco da nossa cultura e dos costumes e também refletir sobre algumas consequências que o nosso povo vem vivenciando pelo fato de estar entre duas culturas; a cultura do não-indígena e a nossa própria cultura.

Mais especificamente, abordo um assunto que está preocupando os Akwê mais velhos; o comportamento da juventude indígena. Percebe-se que muitos dos nossos anciãos estão insatisfeitos com a maioria de nós jovens indígenas, que deixam de praticar os costumes e hábitos culturais para obter os costumes do "homem branco".

Nesses últimos anos têm acontecido cada vez mais festas dos não-indígenas. Isso é preocupante, principalmente para os indígenas mais velhos porque, de alguma forma, isso atinge a mente, o comportamento e o futuro das crianças e jovens.

Se as festas dos não-indígenas continuarem acontecendo com frequência, daqui a alguns anos, os jovens Akwê-Xerente não vão mais praticar cantos, danças, esportes entre outros que fazem parte da nossa tradição, dos nossos costumes e quando se tornarem anciões não terão condições suficientes de repassar as tradições indígenas aos seus descendentes.

E é nesse contexto que esse vídeo documentário traz as perspectivas das duas vivências, o passado vivido através das experiências dos anciões e o presente vivenciado cotidianamente pela juventude.

Também espero que este material possa chegar até as escolas indígenas, para que crianças e jovens reflitam sobre o valor da nossa cultura, de modo a perceber o quanto é importante vivenciar as tradições, o que possibilita que as gerações futuras e não se esqueçam dos costumes, hábitos e rituais do nosso povo Xerente. Assim trago esse tema também para a comunidade acadêmica, onde hoje, nós indígenas nos inserimos, dado o seu papel de preservar a diversidade cultural dos povos tradicionais.

Optei pela linguagem audiovisual de um vídeo documentário, ao abordar o tema Cultura e tradição do povo Xerente, para facilitar o acesso dos principais públicos alvo, que são os jovens indígenas e os anciões. Notadamente para estes últimos existe uma identificação maior com a oralidade, principalmente na língua nativa, devido não serem alfabetizados na língua portuguesa.

Além da importância de poder registrar a história do meu povo Akwê-Xerente, principalmente para as gerações atuais e futuras. Acredito ainda que seja muito

pertinente possibilitar o conhecimento dessa realidade, por meio de imagens, ao público externo às aldeias.

É fato que o contato com a sociedade não-indígena nos trouxe novos costumes e novas descobertas também, o que, por sinal, tanto nos ajudam a crescer em vários aspectos (no conhecimento da vida profissional e social) quanto, por outro lado, afetam a prioridade, anteriormente dada, à prática dos nossos costumes e hábitos como dizem os anciãos.

Através dos registros feitos nesse vídeo-documentário, quero deixar aberto um caminho para que os professores, os alunos e comunidade do meu povo Akwê-Xerente continuem envolvidos em novos trabalhos, discussões, entrevistas, pesquisas mais amplas pensada nesse sentido.

Acredito que este tema seja importante para conscientizar nós indígenas e principalmente a juventude a perceber o quanto costumes e hábitos dos não indígenas estão presente em nosso meio e diante dessa constatação possam valorizar mais os costumes tradicionais Akwê-Xerente e também para fortalecer a nossa cultura, dentro e fora das aldeias.

Olhando mais a fundo vemos que nós jovens somos os futuros anciões do nosso povo, seremos bibliotecas vivas para os nossos filhos e netos. Então, por esse fato, temos de ter cuidado com as nossas decisões e repensar sempre quem iremos ser e como queremos que as futuras gerações sejam.

Temos muito apoio dos nossos familiares que nos incentivam para “ganhar o mundo”, sair em busca de conhecimento, em busca de sabedoria adquirida no espaço dos não-indígenas.

Acredito que o estudo contribui para manter viva a nossa língua, nossos costumes e nossa identidade cultural, além de oferecer novos conhecimentos sobre a vida e a história dos não-indígenas também nos dar suporte para saber buscar os nossos direitos.

2. OBJETIVO

Do ponto de vista jornalístico, foi cumprido o objetivo de produzir um vídeo-documentário trazendo informações sobre a cultura, costumes e hábitos do nosso povo Akwê-Xerente e trazer a vivência do passado através dos anciãos e a vivência atual

através dos jovens Akwẽ, juntamente com a incorporação de novas tecnologias em nosso meio.

Em termos socioculturais, considero ter concretizado o propósito de contribuir com a nossa cultura Xerente, trazendo a reflexão sobre as suas tradições e a influência de novos hábitos e contextos interativos. Feito dessa forma, após a apresentação à banca, o material estará disponível no youtube, uma plataforma gratuita de vídeos com acesso aberto para o meu povo Akwẽ-Xerente e público em geral.

Por fim, conforme planejado, o vídeo-documentário será disponibilizado, de modo a poder ser usado como um material paradidático na educação formal para as escolas indígenas do meu povo Akwẽ-Xerente como forma de trazer o saber e o conhecimento da nossa cultura até as salas de aula para estudantes Xerente.

3. JUSTIFICATIVA

Escolhi fazer um produto jornalístico optando por um trabalho audiovisual, produzido na língua materna Akwẽ-Xerente, abordando o tema Velhas Raízes, Novos Tempos: Cultura e Tradição do povo Akwẽ-Xerente para cumprir a meta e o desejo que sempre tive de trazer um material visual que mostre a riqueza cultural e as suas divergências em relação à sociedade envolvente e também para assim facilitar o acesso do público alvo que são os anciãos e jovens indígenas.

No decorrer do curso tive o privilégio de discutir e realizar trabalhos escritos e audiovisuais que trataram da cultura, dos costumes do meu povo Akwẽ-Xerente, o que despertou em mim o interesse em aprender e buscar cada vez mais conhecimento dos povos indígenas, em especial o meu povo da etnia Xerente. Então, para valorizar ainda mais a nossa cultura e a nossa tradição, que são repassadas de geração a geração, preferi que o meu trabalho audiovisual fosse feito na minha língua materna.

Optei em fazer na língua Akwẽ-Xerente por que somos bilíngues. Aprendemos primeiramente a nossa língua materna e, em seguida, o português. Por esse fato, então, falamos as duas línguas para nos comunicar, quando necessário.

Nascemos e crescemos numa sociedade mista, na qual a língua portuguesa se faz presente em nosso meio e na nossa educação escolar.

Acredito que sendo feito dessa forma o meu povo terá mais facilidade de acessarão audiovisual e as informações nele contidas, com fácil entendimento por ser

produzido prioritariamente em nossa língua materna e legendado em português para ser compreendido também pelo público não-indígena.

Tal decisão foi baseada no perfil sociocultural da comunidade, visto que a maioria dos indígenas, principalmente os anciãos Xerente, não é alfabetizada na língua portuguesa.

De toda forma, será acessível a ambos os públicos, indígena e não-indígena, porque além de ser bilíngue, constitui da linguagem visual. Esta, por sua vez, é interpretada de acordo com a visão de mundo de cada um. Tanto as imagens fixas quanto as dinâmicas não esbarram nos limites do código linguístico.

É importante ressaltar também que ao longo dos anos fomos descobrindo a necessidade e a importância de registrar a história do povo Xerente principalmente para as gerações atuais e futuras.

Pretendo, através dos registros feitos nesse vídeo documentário, deixar aberto um caminho para que professores, alunos do povo Akwẽ-Xerente continuem envolvidos em novos trabalhos, discussões, entrevistas, pesquisas mais amplas, enfim uma nova construção que possa envolver a comunidade Xerente.

Acredito que este tema seja importante para mostrar e conscientizar nós jovens e as futuras gerações a valorizar cada vez mais os nossos costumes tradicionais e também para fortalecer a nossa cultura, dentro e fora das aldeias.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Povo Akwẽ-Xerente e seu território

Segundo o site Sócio Ambiental, o território Xerente é composto pelas Terras Indígenas Xerente e Funil - localiza-se no cerrado do Estado do Tocantins, ao leste do rio Tocantins, 70 km ao norte da capital, Palmas. Município de Tocantínia-TO.

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Censo de 2010, a população indígena brasileira, somam 896.917 pessoas, sendo que 324.834 vivem em cidades e 572.083 em áreas rurais, o que corresponde aproximadamente a 0,47% da população total do país, sendo 305 etnias indígenas, com 274 línguas diferentes.

Com base nos dados fornecidos pelo Polo Base de Tocantínia – TO, atualmente somos quatro mil e quatro (4004) indígenas do povo Xerente. E estamos distribuídos em cento e uma (101) aldeias ao total.

Temos uma área demarcada entre os rios Tocantins e Rio Sono. Segundo Silva (2018), o povo Xerente tem seu território demarcado em definitivo desde o ano de 1991. É uma terra que totaliza 183.245,902 hectares e divide-se em duas áreas indígenas que tiveram suas demarcações em épocas diferentes e com processos demarcatórios diversos.

A primeira denominada Área Xerente, chamada pelos indígenas de Área Grande, foi delimitada pelo Decreto 71.107, de 14 de setembro de 1972, demarcada pelo Decreto 76.999, de 08 de janeiro de 1976 e homologada pelo Decreto 97.838, de 16 de junho de 1989. Essa área possui uma extensão de 167.542,105 hectares. A segunda área, chamada Funil, foi delimitada pela Portaria 1.187/E/82 de 24 de fevereiro de 1982 e homologada pelo Decreto 269 de 29 de outubro de 1991, com extensão de 15.703,797 hectares (SILVA, 2018).

Há muitos relatos registrados em obras literárias, artigos, revistas, entre outros, que falam sobre a conquista de nossas terras. Acredito que não foi nada fácil para os nossos antepassados, a luta deles foi grande e árdua, muitos tiveram que se sacrificar para conseguir vencer as lutas e conseguir os direitos que temos e vivenciamos atualmente. De acordo com Dropa e Albuquerque (2016), a constituição de 1988 trouxe mais que o reconhecimento de direito a demarcação:

A Constituição Federal de 1988 trouxe não somente reconhecimento de direito à demarcação de território indígena, mas também a tutela do patrimônio cultural destes povos. Neste sentido, encontram-se salvaguardados o respeito à sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições. Os indígenas são elevados ao status de nação constitucionalmente protegida, bem como suas diferenças e sua diversidade cultural. (DROPA, ALBUQUERQUE, 2016, p.33)

Os nossos antepassados lutaram até conseguirem com que os nossos direitos fossem reconhecidos e graças à coragem e à força de vontade deles estamos mais tranquilos agora em nossas terras. Não muito seguros, em questão de demarcação territorial más estamos dentro de nossa própria reserva continuando com as lutas para proteger e garantir nossos direitos que na maioria das vezes são violados.

O nosso objetivo não é criar problema e nem fazer “guerra” com ninguém, mas sim proteger o que nos pertence. Lutar contra projetos e leis que fere nossos direitos, o nosso lar e o nosso bem estar.

O futuro das crianças indígenas, dos nossos filhos, sobrinhos e netos estão em nossas mãos, então temos que batalhar firme para deixar uma vida de paz a eles. Por isso não podemos abrir mão dos nossos direitos.

Se caso acontecer o contrário, as futuras gerações sofrerão grandes consequências, podem correr o risco de ficar sem as nossas terras, que é o nosso lar que para nós é a nossa fonte de vida e tudo do que precisamos é estar nela.

Os nossos anciãos preservam muito as nossas terras, matas, nossa cultura, tradição e costumes como nosso maior tesouro porque eles carregam as experiências dos momentos de batalhas que sofreram para nós estarmos mais tranquilos hoje em dia.

4.2 A nossa cultura e tradição

Mantemos e preservamos muito a nossa cultura, cerimônias tradicionais como casamentos, kupré (ritual funerário) entre outros. Dasipê (festa cultural), cânticos, danças e momentos de pinturas são importantes para o nosso povo e acontece com frequência em nossas aldeias.

O Dasipe é o mais conhecido ritual pela sociedade envolvente e mais importante para os Xerente, que acontece frequentemente entre os meses de julho e agosto, no qual as crianças recebem seus nomes na língua akwê. (OLIVEIRA JÚNIOR, 2018)

Quando acontece o dasipê, também acontece a união de várias aldeias e também de indígenas com não-indígenas que chegam para festejar também. Muitos chegam com a família, já outros chegam com amigos ou então alunos.

Segundo a anciã Isabel Wakrtidi (2021) somos chamados e conhecidos como Akwê desde antigamente, e esse nome significa “gente de verdade” e que hoje em dia somos conhecidos como Xerente, nome atribuído pelo não-indígena.

Como ela mesmo desabafa, dizendo que o não-indígena nos ensinou muitas coisa que não é nosso, e que tem certas coisas que não podiam porque a maioria de nós não têm costume.

Ela questiona porque o “homem branco” nos ensinou ir ao hospital, sendo que antes não tinha isso; ninguém precisava da medicina ocidental, pois se valia da tradicional indígena. Mas que hoje está se tornando obrigatório. Ela comenta que às vezes se sente desolada nos hospitais por não saber se expressar bem em português e também pelo fato de lá ninguém, nem o médico, sabe compreender a sua língua.

E essa é a realidade de muitos indígenas, porque tem aqueles que sabem falar um pouco mais a língua portuguesa e também têm aqueles que não compreendem e não fala muito bem e por esse fato a comunicação com o não-indígena se torna difícil às vezes.

Os anciãos que também consideramos e chamamos de “bibliotecas vivas” e “guardiões da memória” prezam muito a nossa cultura e estão sempre batalhando para manter a ancestralidade cultural viva. Esses momentos não podem jamais deixar de acontecer porque temos que preservar e cultivar sempre os nossos costumes para assim não serem esquecidas.

Nós anciãos somos os responsáveis no momento de ensinar as coisas boas que temos como a nossa língua Akwẽ, como as nossas pinturas, nossos cânticos, nossas danças, discursos, nossos artesanatos, a forma de chamar os outros se muitas outras coisas, temos que ensinar tudo isso para os nossos filhos e netos para depois eles saberem ensinar aos filhos e netos deles, Valdeciano Kasumrã (2021)

Em todas as aldeias temos um ancião ou anciã que carrega consigo uma grande bagagem de conhecimento e também a responsabilidade de manter e repassar sabedoria aos mais jovens.

Segundo a afirmação da minha avó e também anciã da aldeia Zé Brito, Isabel Wakrtidi (2021), a nossa cultura, nossa tradição e os nossos costumes não existem de agora, nada foi inventado. Tudo que está sendo praticado ainda hoje, por todos nós, existe há muito tempo e somos todos responsáveis por mantê-los vivos.

Pela época vivida e pelos próprios conhecimentos, os anciãos: Valdeciano Kasumrã e Severino Damsõihâ afirmam que desde a conquista das terras, da reserva

indígena, os Xerente exploram seu território através da caça, pesca e da coleta da agricultura complementar.

Antes da conquista dos nossos antepassados, não tínhamos liberdade e nem direito às terras, os indígenas não podiam ficar em seu habitat e eram sujeitos a conviver com os não índios e também viver nos costumes deles, isso trouxe muitos de nós à morte. Mas para o bem de todos, muitos de nós resistiram e lutaram para conquistar o que temos hoje é o que Dropa e Albuquerque (2016) nos afirmam:

Milhares de índios foram mortos e seus usos, costumes, sua própria história desapareceram com eles, porém outros muitos resistiram e hoje seus integrantes têm seus direitos reconhecidos, promovidos e protegidos pela ordem jurídica nacional, visto que a cultura indígena, igualmente, também faz parte do patrimônio cultural da humanidade. (DROPA, ALBUQUERQUE, 2016, p.32)

O território sempre foi à condição básica da subsistência do povo Xerente. A fonte de renda dos mais velhos e daqueles que não possuem estudos e trabalho fixo vem através das vendas de artesanatos feitos com matérias retirados da natureza, como por exemplo: bordunas, arcos, flechas, colares, bolsas, etc.

A natureza está sempre presente em nossas vidas, nos oferecendo tudo que precisamos e necessitamos por isso ela sempre é lembrada com respeito e admiração. Os mais velhos falam que antigamente não havia nada de alimento industrializado nas aldeias. Tudo era extraído de roças e matas para o consumo, o arroz era plantado ali mesmo dentro da nossa reserva. A maioria das famílias possuía suas próprias roças para seu próprio sustento.

Segundo Helena Krukwanê e Rosilda Hirêki (2011), a comida era o pescado, a carne de caça, o beiju de mandioca, milho de batata doce, inhame e oiti, pussá, cajuzinho, etc. Além disso, buscavam os frutos do cerrado, que complementavam a alimentação, tais como; pequi, buriti, bacaba e mangaba.

Além dos costumes tradicionais e culinários deixados pelos nossos antepassados também temos a nossa própria identidade que é a nossa pintura os nossos clãs que temos desde a nossa existência e também há muita preocupação dos indígenas mais velhos e são visíveis.

Segundo depoimento do ancião Raimundo Sõpre (2011), os anciãos do nosso povo Akwê-Xerente estão preocupados com a desorganização dos clãs e o desrespeito

entre eles. As pinturas e os clãs são muito importantes para nós indígenas, pois é através dela que mostramos nossas origens e a nossa identidade.

Nas pinturas corporais, os Akwê-Xerente trazem traços próprios que são utilizados para diferenciar os clãs entre si. (OLIVEIRA JÚNIOR, 2018)

Nós temos seis tipos de clãs: wahirê, krozaké,krêpréhi, kbazi, kritó e kuzâ, nós estamos divididos entre esses seis clãs que nos diferencia um do outro, é nossa organização, como se fosse um sobrenome nosso. Por isso que os clãs são muito importantes para nós indígenas.

Mercado, farmácia e hospital não faziam falta. Muitos indígenas nem sabiam o que era isso porque, segundo os anciãos, o nosso mercado e hospital já estavam em nosso meio, nas nossas terras,então tudo do que precisávamos; encontrávamos nela.

Tudo era natural e saudável, por isso também era raro algum de nós adoecermos e se isso acontecesse tínhamos pajés que são considerados “os médicos”. Eles faziam as receitas de medicamentos caseiros e alguém ia lá ao mato retirar; seja raiz, casca ou folhas, para fazer o remédio e hoje em dia não utilizamos esse hábito com frequência.

4.3 A educação escolar indígena

De modo geral, a educação escolar nas comunidades indígenas brasileiras teve seu início em 1956, quando o Summer Institute of linguistics (SIL) implantou o programa de estudo aqui no Brasil, através do convênio com o Museu nacional (1956), posteriormente com a Universidade de Brasília (1963) e com a FUNAI (1966). (ALBUQUERQUE, 2016).

Segundo Cunha (1990 apud Albuquerque 2016), a partir de 1970 o governo brasileiro, preocupado em estabelecer uma prática de educação escolar indígena dentro das diretrizes das instituições internacionais, buscando melhorar sua imagem mediante a opinião pública mundial, incluiu a prática escolar indígena e o uso das línguas maternas no seu projeto de integração.

Atualmente a língua indígena assim como a língua portuguesa é ensinada desde o ensino fundamental ao ensino médio. Essas duas disciplinas se tornaram obrigatória para o aprendizado das crianças e jovens indígenas. Por isso desde cedo são estimuladas a ler e escrever em sua própria língua juntamente com a língua portuguesa.

Após a extinção do SPI, a partir dessa década, a FUNAI adota oficialmente a metodologia do ensino bilíngüe nas escolas indígenas, bem como faz uma reavaliação dos programas de educação escolar indígena anteriormente existentes. (CUNHA,1990 apud ALBUQUERQUE, 2016).

Antes de tudo a criança começa a falar primeiro na língua materna Akwẽ-Xerente, para se comunicar e na sala de aula os professores indígenas aplicam o alfabeto completo, para que assim as crianças possam conhecer cada letra, tanto em português, quanto na língua materna. Em seguida elas aprendem a formar palavras pronunciando da maneira correta, Albuquerque (2016) afirma que:

Para que os alunos indígenas avancem nas habilidades de uso, tanto na modalidade oral quanto escrita da língua materna é fundamental que eles a exercitem concretamente, comparando elementos, observando semelhanças e diferenças, nos mais diversos contextos e situações (dentro ou fora da escola). O importante, no momento em que as crianças indígenas estão aprendendo a escrever, é refletir sobre o funcionamento da língua materna e do português nos diversos domínios sociais da aldeia. (ALBUQUERQUE, 2016, p.21)

O mestre em lingüística Armando Xerente (2021) já lecionou em duas escolas como professor de língua indígena e ele nos afirma que não é muito difícil ensinar as crianças a ler e a escrever a língua indígena, até porque elas já crescem usando nosso próprio idioma, eles apenas desenvolvem a escrita e a pronúncia.

A maioria dos profissionais da educação, tanto indígenas quanto não indígenas valoriza as duas culturas dando aula e mostrando a importância que a língua indígena e língua portuguesa têm.

A idéia dos educadores é que todo indígena saiba falar seu próprio idioma e também o português, assim a cultura será preservada com o conhecimento das duas culturas sendo repassada de geração a geração e a função do livro e ensinar e guardar conhecimentos para as próximas gerações.

Por esses fatos hoje em dia muitos profissionais da educação, indígenas, dão iniciativa, produzindo livros didáticos no próprio idioma e em português, também se percebe que as maiorias dos estudantes indígenas que ingressam na universidade realizam pesquisas e trabalhos voltados para a própria cultura

4.4 Língua Akwẽ-Xerente

O censo de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou que 274 línguas indígenas são faladas por 305 etnias diferentes no Brasil. Na Amazônia, concentra-se o maior número de falantes: são mais de 53 línguas (BRAGGIO, 2002) faladas por etnias distintas. Especificamente, o estado do Amazonas é detentor da maior diversidade de línguas indígenas do Brasil: são acima de 50 línguas faladas por cerca de 150.000 índios, divididos em 64 povos, distribuídos nos 72 municípios do Estado.

Desde a Antiguidade, o homem já desejava expressar seus sentimentos, pensamentos e emoções. A fim de conseguir realizar tal feito é que ele desenvolveu a linguagem. A partir de então, ele pôde interagir com o outro, externando os seus anseios, desejos e pensamentos, inicialmente através da fala e, mais tarde, por meio da escrita. (BARROS, PEREIRA, ANDRADE, 2016)

Cada povo, tanto indígenas quanto não-indígenas tem sua forma expressar, nós povos indígenas nós expressamos por várias maneiras, através das pinturas, danças, cantos e linguagem própria.

A nossa língua materna que usamos é a língua Akwẽ-Xerente, nossa primeira língua usada para nós comunicarmos. As nossas primeiras palavras são ditas na língua Akwẽ, porque nossos pais e comunidade se interagem na nossa língua.

A linguagem como expressão do pensamento, parte do pressuposto de que a “natureza da linguagem é racional, porque os homens pensam conforme as mesmas leis e que a linguagem expressa esse pensamento” (CARDOSO, 1999, p. 16, apud (BARROS, PEREIRA, ANDRADE, 2016, p 106)

Segundo Travaglia (1997 *apud* Barros, Pereira e Andrade, 2016), na segunda concepção, a língua é vista como um código:

[...] e seu objetivo é transmitir uma mensagem. Nela, a linguagem é um meio de comunicação, sem interação e com privilégio do ensino da gramática. Na terceira concepção, a linguagem é compreendida como uma forma de interação humana, em que os falantes da língua ou interlocutores interagem como sujeitos “que ocupam lugares sociais e falam” (TRAVAGLIA, 1997, p. 23) apud (BARROS, PEREIRA, ANDRADE, 2016, p 106).

Essa perspectiva possibilitou o indivíduo conhecer a língua sob uma visão mais ampla, relacionada a aspectos históricos, sociais e culturais. Desse modo, é possível depreendermos que língua, cultura e identidade, apresentam conceitos intrinsecamente

ligados, pois é através da língua que a cultura é difundida, que por sua vez, é responsável pelo processo de identificação do sujeito. (BARROS, PEREIRA, ANDRADE, 2016).

A nossa língua Akwê-Xerente é uma de nossas identidades que preservamos com grande importância, porque é ela que nos torna especiais e faz parte da nossa cultura Xerente. Ela é repassada de geração a geração porque não nada tão importante que termos o nosso próprio idioma para a nossa comunicação, por esse fato o nosso povo Xerente e principalmente os nossos anciãos se preocupam muito com a nossa língua materna.

A língua portuguesa também faz parte da nossa comunicação mas ela já se torna a nossa segunda língua e isso nos faz sermos bilíngues. Segundo a afirmação de Simas (2016), comunidades bilíngues: falam língua portuguesa e língua indígena. Ressalta-se que a proficiência dos falantes desse tipo de comunidade é variada, uns dominam mais a língua indígena e outros dominam mais a língua portuguesa. (SIMAS, 2016, p. 141)

Atualmente a maioria dos indígenas sabe falar a língua portuguesa mas também existem aqueles que não sabe falar e não compreende muito bem e muitos indígenas sofrem com isso quando saem de suas aldeias para a cidade.

Assim percebe-se que a língua faz parte da cultura, logo está sujeita a mudanças e, por ser um traço cultural, pode deixar de existir no decorrer dos anos, principalmente frente ao contato e à colonização linguística que se operou por séculos no Brasil. (SIMAS, 2016)

Há indígenas que sabem falar a língua portuguesa, mas não fala a língua indígena, esses são aqueles indígenas que nascem fora do seu habitat e quando os pais ou responsáveis não se comunica e não ensina a língua indígena.

Más o correto mesmo é que os indígenas saibam falar as duas línguas, a língua indígena e a língua portuguesa. Porque de uma certa maneira sempre dependemos das duas para a nossa comunicação dentro e fora da aldeia.

4.5 Experiência de vida sem a tecnologia

Faço parte e sou fruto da mistura de sociedades, indígena e não indígena, pois vim de uma família mestiça, tenho sangue mestiço porque meu pai é um não-indígena, e minha mãe indígena.

Segundo relatos de minha mãe eu nasci e passei a maior parte da minha infância na aldeia. Que só saímos de lá por motivo de saúde do meu pai, que precisava fazer tratamento e acompanhamento médico.

Antigamente a gente não tinha energia, não existia postes e nem fios dentro da aldeia, agente não usava quase nada do homem branco, tudo que tínhamos era retirado da nossa terra, (Isabel Warkrtidi, 2021).

E me recordo do que vivi nessa época, sem tecnologia e sem energia na aldeia. Tudo era diferente, me lembro que a nossa casa era feita de palha e não tinha energia, água encanada, TV, geladeira e nada do que temos hoje em dia.

Não só a gente, más toda a comunidade usavam a iluminação da candeia a base de gasolina e pavio feito de algodão. Em época de inverno nas noites frias, a maioria das famílias faziam uma fogueira em frente às casas para se aquecerem e se esquentarem e conversar até dar sono, e eu e minha família era um deles. Assim passávamos as noites, com uma fogueira e com a luz da candeia que iluminava a casa até amanhecer.

De acordo com Tebaldi, Tescarolho, Bergano (2000), a brincadeira é um processo que envolve o indivíduo e sua cultura. Através dela a criança constrói sua identidade cultural.

A minha diversão junto com meus irmãos era brincar no terreiro de casa com brinquedos feitos por nos mesmo. Fazíamos bichinhos, carrinhos, casinhas e bonequinhos com materiais retirados da própria natureza como palhas, madeiras, palitos e frutinhas.

Também brincávamos no rio, quando a nossa mãe ia lavar roupa agente acompanhava ela para ficar brincando de “pega pega”, uma brincadeira comum na nossa época e também para pescar piaba, um tipo de peixinho pequeno.

As brincadeiras constituem uma fase importante no desenvolvimento da personalidade humana, pois trabalham a coordenação motora, desenvolvem a oralidade, a criatividade, a postura física e a psicológica. (TEBALDI, TESCAROLHO, BERGANO, 2000, p. 14).

Por esse e demais fatores, acredito que as crianças da minha época de infância tinham outra maneira de pensar e agir, comparando com as crianças de hoje, elas se desenvolviam de uma forma diferente.

Recordo-me também que meus pais tinham uma roça e a maior parte do nosso sustento vinha de lá, eu amava tirar batata doce, melancia e milho para comer. Meus pais, irmãos e eu morávamos um pouco afastados da aldeia maior, onde moravam meus avós, tias (os) e primas(as), más depois passamos a morar na mesma aldeia que eles onde a união com minha família materna se tornou maior.

Como sou a filha mais velha do casamento deles, sou a que mais se recorda da nossa vivencia passada, então me lembro que minhas primas e eu naquela época tínhamos uma vida completamente diferente da vida das crianças da atualidade.

Nossas brincadeiras não se comparam com as brincadeiras de hoje em dia que por muitas vezes e só à base de tecnologia. Antigamente as nossas brincadeiras eram ao ar livre, sem computador, tablet e smartphone.

A sintonia entre as crianças e a tecnologia tem provocado mudanças dentro da família. Elas possuem, hoje, mais influência em casa do que com os pais quando tinham a mesma idade. Contudo a tecnologia isola a criança, podendo até alterar seu comportamento. (TEBALDI, TESCAROLHO, BERGANO, 2000).

Atualmente as novas gerações não querem saber de brincar em grupo fora da tela de um aparelho tecnológico como nós brincávamos na infância, isso porque estão cada vez mais dependentes da tecnologia e deixando de compartilhar momentos com amigos e até mesmo com a família.

4.6 A incorporação das novas tecnologias em nosso meio

Mesmo em meio a tantas novidades trazidas pelos não-indígenas, percebe – se que o nosso povo Akwê-Xerente e principalmente os nossos anciãos amam a nossa

cultura e por esse fato vejo que eles só estão tendo cuidado com as crianças e nós jovens que seremos os responsáveis para a preservação da nossa cultura e tradição, responsáveis também em repassar para as próximas gerações.

Com as mudanças provocadas pelo tempo e pelos processos de modernização social, os povos indígenas, através das tecnologias de comunicação e informação, puderam redimensionar e ressignificar suas formas de interação, comunicação, informação e seus modos de viver, indianizando esses elementos centrais do mundo moderno (SHALINS, 1997 apud OLIVEIRA JÚNIOR, 2018, p. 16)

Tendem a evitar que não se deixem nos levar para um mundo que não é nosso, o “mundo do homem branco” através das novas tecnologias que se incorporam em nosso meio cada vez mais.

Minha avó Isabel Wartidi Xerente que participou do meu trabalho jornalístico, contribuindo com seu conhecimento e vivência nos relata que antigamente as mulheres e homens Xerente andavam a pé até a cidade quando precisava, ninguém dependia de carro e o alimento comprado era carregado nas costas dentro de cofo, um objeto pessoal que também era usado para carregar crianças.

Segundo ela, que a nova geração de jovens não consegue mais viver longe dos costumes e dos meios tecnológicos proporcionados pelos não-indígenas. Em outras palavras, ela conta que antigamente tudo se resolvia dentro da aldeia, fosse qual fosse a situação; doença, machucado, partos e etc.

Ela nos relata ainda na entrevista que antigamente as mulheres grávidas não faziam acompanhamento nenhum de médico e que o parto acontecia em casa na aldeia mesmo e que a parteira era a mulher mais experiente do local, e no tempo que ela já viveu, disse que nunca aconteceu coisa ruim ainda durante o processo de parto.

Afirma que onde ela convivia não era diferente, que ela mesma fazia o parto das mulheres e testemunha que já trouxe muitas crianças ao mundo, saudáveis que hoje já são homens e mulheres e que uma delas sou eu, que vim ao mundo através de suas mãos.

Em um diálogo comum, os anciãos e as anciãs, como a minha avó, costumam sempre desabafar e dizer o que realmente sentem a respeito dos novos costumes e novo modo de viver. A maioria deles, como a minha própria avó Isabel, se mostra insatisfeita com o mundo de hoje, e com os costumes que nós jovens temos adquirido.

Ela questiona sobre muitas coisas e uma delas é o porquê os não-indígenas nos ensinaram a ir ao hospital, que não havia essa necessidade porque não dependíamos do hospital. Ela afirma que hoje muitos de nós sofremos com isso, porque tudo agora é na cidade, comida, vestimentas, conhecimento, saúde e parto e a maioria ainda não sabe se comunicar muito bem em português.

De uma certa forma, nós jovens temos que concordar com os anciãos por que hoje em dia não conseguimos mais viver sem o contato direto com a sociedade envolvente e tudo que queremos é conquistar cada vez mais um espaço para nós em meio a eles, como na educação, formação, conhecimentos e etc.

Em entrevista feita para o G1 Tocantins em 2015 o ex - cacique Valci Sinã da aldeia Salto Kripré afirma que o povo Xerente, concilia valores diferentes. "Hoje estamos entre duas culturas: primeiro, a minha cultura e segundo, a cultura não indígena. Conhecimento tradicional e não tradicional. Conhecimentos que vem de fora, costume dizer. Então hoje o povo Xerente está equilibrado entre as duas coisas."

Os 250 anos de contato do povo Xerente com não indígenas não afetaram sua identidade. Hoje a luta se resume à preservação da cultura, que agora sofre outro tipo de ameaça: as rápidas e intensas transformações sociais. A moto é o meio de transporte mais utilizado. A rede de energia elétrica distribuída em todas as casas e antenas parabólicas há muito tempo não são mais novidade.

Entre as casas de tijolos, há quem ainda prefira as tradicionais de adobe, fabricados pelos próprios Xerente. A maioria conta com fossa e banheiro individual. Aparelhos de celular estão presentes em todas as ocasiões, mesmo durante os rituais da tradição do povo. A antena com internet os integrou ao mundo definitivamente (G1 TOCANTINS, 2015).

Mesmo com a mistura de cultura dos não-indígenas ainda mantemos as tradições graças aos anciãos que vem sempre mostrando para a nova geração e população a riqueza da nossa cultura. E hoje, graças a eles os Xerente são um dos poucos que ainda hoje praticam os esportes tradicionais, cânticos, danças e rituais.

Nós jovens somos os que mais usamos as novas tecnologias para fazer registros, gravações e etc., acredito que isso é uma forma de preservar um pouco da nossa cultura e tradição. Segundo Oliveira Júnior (2018) usamos bastante os aparelhos tecnológicos no dasipê (festa cultural):

É durante o Dasipe que se observa o uso constante de aparelhos tecnológicos, como celulares, como forma de registro e comunicação por imagens. Em síntese, os indígenas utilizam tecnologias de comunicação e informação para o registro e realização de determinadas ações no ritual de nomeação, mas que só foi introduzida no presente século XXI. (OLIVEIRA JÚNIOR, 2018, p. 33)

Os não-indígenas estão presentes em nosso meio desde muitos anos atrás e com isso o contato com eles e com a tradição deles se torna inevitável, até porque são nossos “vizinhos” e fazem parte da nossa vivência.

Segundo Wakedi Brito (2017), o surgimento das tecnologias fez mudanças mais rápidas nos mais jovens das aldeias. Também está acontecendo em outras etnias, com os outros parentes indígenas. Ela acredita que a partir dos anos 90 ou 2000 que começaram a chegar às primeiras manifestações de tecnologias.

Foi grande projeto proposto pelo governador José Wilson Siqueira Campos, implantado na Terra Indígena Xerente, denominada PIN Xerente. As tecnologias invadiram o cotidiano do povo Akwê, como música em CD's enfim, os aparelhos de todos os tipos, até nos dias atuais.

Brito (2017), ainda afirma que os indígenas começaram a usar o rádio mais ou menos a partir de 1970 para se comunicarem entre aldeias, sobre preservação de seu território. Servia para mandar notícia, como invasão de territórios, queimadas e notícia com os outros parentes. Essa ferramenta veio trazida nas aldeias pelo SPI – Serviço de Proteção ao Índio. Tinha só cinco postos indígenas com rádio de comunicação. Precisava de combustível para funcionar.

Quem se responsabilizava era chefe da FUNAI, não indígena ou indígena. A comunicação, dizem que era feita na língua materna para os demais conhecerem melhor a notícia repassada. Energia elétrica chegou às aldeias na década de 90. Só a rede, sem ser instalação nas casas nem nas comunidades, porque a maioria das pessoas não tinha condição financeira para instalar energia, (BRITO, 2017).

O surgimento dos novos meios de comunicação transformou o âmbito social em vários aspectos, influenciando o cotidiano dos indivíduos, e ampliou os contextos interativos que inicialmente se limitavam à relação presencial, ou seja, interação face a face. (ANJOS; FRAGA; NILO, 2010, p. 1)

(...) Os nativos ainda preservam a tradição oral através da narrativa com seus mitos e lendas, entretanto, dividem o tempo designado a esta e outras atividades com o usufruto dos meios de comunicação de massa, constituindo, desta forma, o que Thompson (2008) denomina a nova ancoragem da tradição. Na atual conjuntura o ato de assistir televisão é comum, de maneira que todos já tiveram ou têm contato com esse veículo. (ANJOS, FRAGA, NILO, 2010, p. 5)

Os nossos anciãos relatam que antigamente, na infância e juventude deles não existia praticamente quase nada que existe hoje. Não tinha energia nas aldeias, não havia eletrodomésticos e nenhum aparelho eletrônico, estavam bem distante da tecnologia e isso não fazia falta nenhuma, não havia festas que não fossem da cultura nossa. As roupas de algodão eram mínimas e de menos, só eram usadas para cobrir a parte de baixo do corpo.

4.7 Mudança de hábito dos jovens Xerente

Talvez pelo avanço tecnológico e pelo contato que aumenta cada vez mais com os não-indígenas, os costumes foram se modificando e houve mudanças de costumes em relação ao modo de viver, atingindo o comportamento e hábitos culturais que fazem parte da nossa cultura e tradição.

As crianças neste panorama representam a camada mais propensa a assimilar estes costumes futuramente, visto que o contato com a sociedade não-indígena é crescente. Os adultos dividem-se entre mais ou menos interessados, dependendo de seu grau de contato com a sociedade envolvente. (ANJOS, FRAGA, NILO, 2010, p. 8)

Por este fato, com o contato da sociedade envolvente a maioria dos jovens de hoje em dia preferem sair de suas aldeias em busca de conhecimento e formação para poder se profissionalizar e trabalhar mantendo seu próprio sustento.

Para os anciãos, devido às suas convicções tradicionais, o conceito de imagem é entendido enfaticamente pelo valor simbólico e representativo de sua identidade (ANJOS; FRAGA; NILO, 2010).

[...] percebemos a mudança de hábitos no que diz respeito a uma disponibilidade menor dos mais jovens para ouvir as lendas, contos e mitos narrados pelos chamados “guardiões da memória”. Constatamos, assim, que parte do dilema da geração mais nova está, inicialmente, na decisão de como mensurar que valores tradicionais da cultura devem ser mantidos na forma da tradição hermenêutica, transmitido de geração em geração, e quais começam a ser adquiridos de outra forma, através do acesso aos recursos tecnológicos e à mídia. (ANJOS; FRAGA; NILO, 2010, p. 8).

E é nesse sentido que os entrevistados, Janaina e Edilberto falaram no documentário. Os mesmos ressaltam a importância da nossa cultura e tradição e mesmo com o acesso aos recursos tecnológicos devemos buscar um meio de repassar os valores tradicionais para as próximas gerações. Acredito que se todos nós jovens tivermos a iniciativa de usar a tecnologia e a mídia para transmitir os valores culturais do nosso povo como, por exemplo, este trabalho, a nossa cultura e tradição estará sempre viva.

Anjos, Fraga e Nilo (2010), ressaltam que nós indígenas podemos ter conhecimento de outros temas também além da nossa cultura:

[...]Em decorrência disso, outro fenômeno apresenta-se, notadamente para este segmento, que é a possibilidade de obter conhecimentos, de modo geral, que não advém tão somente dos seus ancestrais, mas de variadas fontes de informação, relativas a outros contextos interativos. Ou seja, os índios podem ter conhecimento, tanto acerca da cultura indígena quanto de outro tema, por outras fontes de informação, distendidas no tempo e no espaço, além das fontes vivenciadas presencialmente. (ANJOS; FRAGA; NILO, 2010, p. 11).

Conforme a dissertação de mestrado de Julia Izabelle da Silva, por razões, sobre, tudo, econômicas, alguns índios têm optado por viver na cidade, especificamente no município de Tocantínia. Espaço de constante fluxo migratório de índios Xerente, o município, que em períodos históricos anteriores ao contato fazia parte do “território xerente”, hoje é palco de conflitos entre indígenas e não-indígenas. (SILVA, 2014, p.11)

Ainda de acordo com a Silva (2014), nesse sentido, o contato massivo com a sociedade não-indígena e, conseqüentemente, com a língua portuguesa, é algo que pode ser observado não somente pela introdução de novas tecnologias nas aldeias (internet, rádio, televisão, como também pela crescente necessidade de comunicar-se em português. Seja para receber atendimento na área da saúde, para conseguir um emprego fora da aldeia, à relação com o não-índio tem motivado o uso do português em cada vez mais situações de interação social.

Acredito que a juventude Akwê-Xerente esteja trazendo novos modos de viver para a vida atual para dentro das aldeias por motivo de necessidade, até porque hoje em dia é muito difícil viver sem a presença do não indígena em nosso meio.

Olhando em volta, percebemos que praticamente quase tudo que temos em nosso meio, seja objetos, bens materiais, vestimentas são dos não indígenas, para ter noção até mesmo a nossa língua materna está sendo modificada pelos jovens Xerente devido o contato com a sociedade envolvente.

Segundo apontam os estudos de Braggio (2005; 2009; 2011; 2012), existe um conflito entre as gerações mais jovens e as gerações mais velhas, as quais afirmam não conseguirem compreender o que a outra fala. Assim, enquanto os + velhos reclamam que os jovens não estão falando mais o “verdadeiro xerente”, os + jovens afirmam não entender o que os mais velhos estão dizendo (BRAGGIO, 2012 apud SILVA, 2014).

De fato, a maioria de nós jovens não compreende muito bem algumas palavras que os anciãos falam, até a pronúncia é um pouco complicada. Isso se deve pelas modificações que ocorreram com o tempo. Assim, a nova geração foi deixando de falar algumas palavras corretamente e com isso foi reduzindo as letras das palavras como por exemplo: wahikrda, falamos wahikda; bakrtarê, falamos tarê; krêpturê e falamos turê. E assim por diante.

Por isso que os anciãos e nossos avôs falam que nós não estamos mais falando a verdadeira língua Akwê, o “verdadeiro xerente” como foi dito por Braggio. E realmente por muitas vezes ocorre da gente não entender muito bem o que eles falam assim como também eles não entenderem o que falamos.

Silva (2014) acredita que o “verdadeiro xerente” quer dizer que nós jovens não estamos mais falando a verdadeira língua indígena, como falei anteriormente, ao longo dos anos, muita coisa foi se modificando, se readaptando e com isso a nossa língua materna teve interferências da língua portuguesa (SILVA, 2014).

No centro desse cenário de conflitos estão os jovens, uma geração que vivencia em suas relações cotidianas não só a necessidade crescente de falar o português, seja no ambiente escolar, nos jogos de futebol ou nas festas que frequentam na cidade, como também o desejo de sentir-se parte dessa sociedade. O acesso cada vez mais facilitado ao conjunto de valores e ideologias da sociedade não-indígena, aliado às pressões econômicas que, cada vez mais, conduzem os indígenas a uma lógica mercadológica e capitalista, colocam as gerações mais jovens em uma situação onde é preciso conciliar

a todo momento aquilo que é interno da comunidade e que remete à valores e normas de conduta indígena como a valorização das tradições, da língua e de sua identidade étnica como Xerente, com aquilo que, embora seja externo ao grupo, se faz cada dia mais presente em suas realidade (SILVA, 2014, p. 13).

Realmente o contato com a sociedade envolvente e a incorporação das novas tecnologias de certa forma, interferiu nos nossos costumes e modo de nos expressarmos e falarmos. E hoje em dia até misturamos a nossa língua com a língua portuguesa.

Para Braggio (2012), as gerações mais jovens representam um fator-chave para o futuro da língua e cultura xerente, na medida em que, além de representarem a maioria em termos numéricos na comunidade, são eles os responsáveis pela passagem da língua para as próximas gerações (BRAGGIO,2012 apud SILVA, 2014).

Nós jovens somos os futuros anciões do nosso povo, seremos bibliotecas vivas para os nossos filhos e netos. Então, por esse e outros fatores temos que ter cuidado com as nossas decisões e repensar sempre quem iremos ser e como queremos que as futuras gerações sejam.

4.8 Conceitos de documentário

O formato a qual foi escolhido para esse projeto é uma linguagem documentária e ela tem diversas definições. Segundo Candeias (2003) o documentário televisivo ou cinematográfico, sendo norteados igualmente pelo tratamento narrativo da realidade, não está submetido a critérios de atualidades de atualidade ou de noticiabilidade.

A independência do documentário em relação à actualidade dos temas abordados, reflete-se diretamente em tempos de investigação e de produção mais dilatados, implicando maior rigor no tratamento narrativo e maior cuidado quanto aos aspectos visuais. (CANDEIAS,2006, p.17)

De modo geral, um documentário pode assumir qualquer definição pois nele pode se enquadrar qualquer narrativa produzida por processos audiovisuais ou cinematográficos e podendo abordar variados temas como históricos, natureza, viagens, animais, políticos e etnográficos como nesse caso do documentário em que é abordada a cultura do povo Akwê-Xerente, envolvendo um processo histórico e atual do tema.

Odin (1984) define o documentário como processo operativo que constrói um modo de leitura, estabelecendo uma diferenciação bastante operacional entre a narrativa documentária que narra propriamente, a narrativa documentária que expõe, a narrativa que mostra de um modo mais participante, a que mostra de um modo mais pessoal ou ainda a narrativa documentária que possui estrutura poética. (ODIN, 1984).

De acordo com a definição de Odin (1984) o presente documentário que aborda a cultura do meu povo, traz a característica do modo pessoal e participativo em que expõe o modo de viver dos personagens.

5. PROCEDIMENTOS TÉCNICOS

5.1 Processo de produção

Para a finalização do curso sempre tive o interesse de produzir um produto jornalístico ao invés do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tradicional, isso por que queria trazer algo diferente, poder produzir um produto que me permitisse explorar sobre o tema escolhido e colocar em prática o conhecimento adquirido na graduação.

No decorrer do curso fiz disciplinas que me instruíram e me fez interessar cada vez mais nesse formato de fazer jornalismo como: Telejornalismo, fotojornalismo, introdução ao audiovisual e etc., além das demais outras disciplinas que me ajudaram muito a amadurecer a minha idéia.

Com tudo isso ainda tive o privilégio de poder elaborar e realizar trabalhos escritos e audiovisuais que tratasse da cultura e das tradições do meu povo Akwê-Xerente. No momento da escolha de modalidade, fiquei em dúvida entre livro – reportagem e vídeo – documentário e no fim, com ajuda do professor de TCC I, Frederico Salomé escolher seguir com o documentário.

Quanto à escolha do tema, não tive nenhuma dúvida, porque como indígena busco contribuir com meu povo então para valorizar ainda mais a nossa cultura e a nossa tradição que são repassadas de geração a geração pensei e preferir que o documentário fosse produzido na minha língua materna.

Velhas Raízes, Novos Tempos: Cultura e Tradição do povo Akwê-Xerente busca trazer a cultura e tradição, juntamente com a vivência do passado e do presente do meu povo Akwê e a incorporação de novas tecnologias que cresce cada vez mais em nosso meio. Trazendo também mudanças de hábitos e costumes dos jovens Xerente.

Para a execução desse trabalho busquei fazer primeiramente um levantamento de dados, procurei autores que norteiam e fazem pesquisa sobre o nosso povo Xerente, sobre os nossos hábitos e costumes e a incorporação das tecnologias que cresce cada vez mais em nosso meio.

Também analisei outros trabalhos e documentários já prontos que abordam assuntos sobre os povos indígenas e o avanço tecnológico. Isso foi de grande importância que me ajudou a entender o processo de um documentário.

Segundo Oliveira (1997), a escolha do método e técnica utilizada, depende do objetivo da pesquisa, dos recursos financeiros disponíveis, da equipe e elementos do campo de investigação.

Foi indispensável à contextualização da cultura do nosso povo Xerente, para isso, pesquisei e li textos de alguns autores, consultei trabalhos e pesquisas feitos por pesquisadores, relacionados ao tema.

Baseei-me no livro: Povo Akwê Xerente, Vida Cultura Identidade (2011), produzidos por alguns professores e membros da comunidade e organizado por Silvia Thêkla Wewering.

Os artigos e dissertações feitos por pesquisadores que falam a respeito do assunto foram de suma importância para o desenvolvimento do trabalho como o: Silva (2018), que fala das lutas do povo indígena entre eles o povo Akwê-Xerente para conquistar as terras e demais outros autores.

Após isso o passo seguinte foi à escolha dos protagonistas que tinha que dar voz ao documentário, então analisei meu projeto, repensei o que eu realmente queria trazer, mostrar ao público, e então a partir daí decidir escolher dois jovens e dois anciãos, de preferência que fossem avô e neto.

Tive a idéia de escolher um familiar da minha aldeia Zé Brito, então conversei com a minha avó Isabel Wakrtidi Xerente que também é a cacique da aldeia e minha prima Janaina Smikidi Xerente estudante do ensino fundamental para fazerem as entrevistas ao meu trabalho.

Após isso conversei com outro ancião Valdeciano Kasumrã Xerente que também é meu avô distante que mora na aldeia Saltinho e seu neto historiador e professor Edilberto Waikairo Xerente.

Expliquei e instruí a todos qual era meu objetivo, o que eu queria trazer ao meu documentário e partir daí queria as explicações, depoimentos e ponto de vistas de cada um em relação ao que queria trazer.

O ancião Valdeciano e a anciã Isabel falam do passado deles e do seu ponto de vista em relação à tecnologia presente em nosso meio, correlacionando o tempo passado com o presente. Representado a juventude Xerente à jovem Janaina e o Edilberto falam dos novos costumes e hábitos próprios e de outros jovens, e do futuro que esperam.

A proposta é compreender as diferenças existentes entre opiniões, realidades de cada entrevistado, e comportamentos sociais, levando em conta as mudanças ocorridas no decorrer dos tempos até hoje em dia.

Após as escolhas dos entrevistados, dei o início ao roteiro de gravações que me guiou na montagem do trabalho. O local, a ordem e as perguntas foram programadas em duas partes, de acordo com as duas aldeias distintas e por diferença de idade, perguntas diferentes para os anciãos e outras para os jovens.

Para dar o início tínhamos programado para fazer as gravações do Dasipê na aldeia Salto Kripré no dia nove (09) de julho, gravações a qual iria ser usado para o videoclipe no documentário. Porém houve um ocorrido inesperado e o cacique da aldeia cancelou a festa, então como já havia sido agendado o carro e vinda da minha orientanda Adriana Tigre e o técnico Jorge de Palmas para as aldeias o dia foi aproveitado para fazermos somente as gravações das entrevistas que também já estava na programação.

No primeiro dia de gravação seguimos da minha residência de Tocantínia - TO para a aldeia Zé Brito – Hêspohurê, lugar a qual pertence para entrevistar a minha avó Isabel Wakrtidi e minha prima Janaina Smikidi. As gravações foram feitas pela parte da manhã no terreiro da casa da minha avó e fiz as entrevistas sentadas em frente a cada uma delas, com a luz natural do dia.

E no segundo dia seguimos a estrada novamente para a aldeia Salto – Kripré para gravar as duas entrevistas com o ancião Valdeciano Kasumrã e o seu neto Edilberto Waikairo. As entrevistas com eles foram da mesma forma que as duas primeiras feitas, no terreiro da casa do Sr. Valdeciano, debaixo de um pé de manga.

Tanto no primeiro, quanto no segundo dia de gravação, o técnico Jorge usou seu drone próprio para fazer as imagens do ângulo de cima das duas aldeias e os demais equipamentos como a câmera, tripé foram usados do laboratório de telejornalismo.

Após isso, devido eu ter optado em fazer as entrevistas na língua materna Akwẽ-Xerente, tive que selecionar as partes que iriam ser utilizadas e fazer a transcrição de todas as entrevistas feitas. Em seguida, marcamos dois dias para darmos inicio as edições que seria no laboratório de telejornalismo da UFT.

No dia 12 de agosto foi o dia que tive que fazer uma viagem de Tocantínia até Palmas para dar o início na edição, foram agendados dois dias, dia 12 e 13. Nesses dois dias deu para fazer somente a colocação das legendas em cada sonora com a ajuda do técnico em audiovisual.

Setembro foi o momento de selecionar imagens que irá compor o documentário e também foi aproveitado o festival de cultura popular de Tocantínia ocorrido nos dias dez e onze, para captar imagens das danças dos Akwẽ-Xerente para compor o documentário.

Nos dias treze, quatorze e quinze (13,14 e 15) tive dedar continuidade e finalizar a edição do documentário no laboratório de telejornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

5.2 Cronograma de atividades: Produção e execução do projeto Velhas Raízes, Novos Tempos: Cultura e Tradição do Povo Xerente.

Tabela 1

	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO
1° SEMANA	Definição do tema e formato do projeto	Análise de trabalhos e documentários prontos	Início do pré-roteiro	Transcrição das entrevistas, da língua Akwẽ-Xerente para o Português	Seleção de imagens do meu casamento cultural que servira como base no documentário

2° SEMANA	Início das pesquisas bibliográficas	Escolha e contato com os possíveis entrevistados	1° gravação na aldeia Zé Brito com a anciã Isabel e Janaina 2° gravação na aldeia Salto com ancião Valdeciano e Edilberto	Início da edição do material (colocação de legendas)	Captação de imagens do festival de cultura popular de Tocantínia
3° SEMANA			Seleção das entrevistas a serem utilizadas		Continuidade na edição e finalização do documentário

6. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

6.1 Vídeo-documentário “Velhas Raízes, Novos Tempos: Cultura e tradição do povo Akwê-Xerente”

O produto jornalístico “Velhas Raízes, Novos Tempos: Cultura e tradição do povo Akwê-Xerente” é um vídeo documentário que fala sobre a nossa cultura, tradição, costumes e modo de viver atualmente em meio às novas tecnologias.

É composto por entrevistas de quatro pessoas, sendo dois anciãos e dois jovens, avôs e netos, cada familiar de aldeias diferentes. O ancião Valdeciano Kasumrã Xerente e seu neto Edilberto Waikairo Xerente da aldeia Salto - Kripré; anciã Isabel Wakrtidi Xerente e sua neta Janaina Smikidi Xerente da aldeia Zé Brito – Hêspohurê.

Eles trazem a visão e o pensamento que cada um tem sobre a nossa tradição e cultura e também relatam como era o modo de vida antigamente e como esta sendo atualmente.

O material produzido para web estará disponível no youtube, uma plataforma gratuita de vídeos com acesso aberto para o meu povo Akwê-Xerente e público em geral. O documentário traz a realidade do nosso povo Akwê-Xerente dando o início com imagem *off* mostrando as duas aldeias visitadas: aldeia Zé Brito e aldeia Salto com fundo musical da festa tradicional cantada por um dos nossos anciãos. Seguindo com

imagens representativas da nossa cultura, entrevistas e finalizando com cenas das quatro gerações na simbologia da árvore da vida que são: minha avó Isabel Xerente, minha mãe Márcia Xerente, minha filha Ana Kamilla Xerente e eu.

Ao todo, a produção e execução do trabalho duraram quatro meses, contando com a produção, roteirização, gravação e edição. Para a execução das gravações como mostra a tabela 2, foram utilizados equipamentos do laboratório de telejornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e para a edição foi usado o mesmo laboratório também com apoio do técnico em audiovisual Jorge Cardoso.

Para a produção do documentário não foi gasto valor monetário significativo retirando os custos pessoais em hospedagem e alimentação da professora e orientadora Adriana Tigre e do técnico em audiovisual Jorge Cardoso ao virem á Tocantínia para fazer as citadas gravações nas duas aldeias e também os meus custos ao ir á Palmas por duas vezes para fazer as edições.

Após o levantamento de preços, segundo os parâmetros do mercado e suposições do técnico Jorge, apresento uma mensuração dos gastos com toda a estrutura do projeto exemplificando na tabela seguinte os itens e valores que seriam necessários.

6.2 Orçamento de execução do trabalho

Tabela 2

ITEM	DESCRIÇÃO	Gtde	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
	RECURSOS MATERIAIS			
1	Locação de estúdio	4	R\$ 100,00	R\$ 400,00
2	Câmera Filmadora Profissional Panasonic	1	R\$ 14. 999,00	R\$ 14. 999,00
3	Tripé profissional	1	R\$ 2.000,00	R\$ 2.000,00
4	Cartão de memória 32 gb	1	R\$ 40,00	R\$ 40,00
	RECURSO HUMANOS			
	Cinegrafista (diária)	3	R\$ 350,00	R\$ 1.050,00
	Profissional editor de vídeos (horas)	16	R\$ 350,00	R\$ 5.600
	TOTAL GERAL			R\$ 24. 089

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura e tradição do meu povo Akwê-Xerente vem desde a nossa existência e ambas foram repassadas de geração a geração, para assim continuar a existir na vida das próximas gerações.

Cada um de nós tem o dever de preservar a nossa cultura porque é o que temos de mais valioso. Os anciãos que são considerados por nós de “bibliotecas vivas” e “guardiões da memória” têm a responsabilidade de dar ensinamentos e sabedoria aos mais jovens para assim eles darem continuidade de praticar as nossas tradições.

Com o passar dos anos a nossa vivência nas aldeias foram se modificando devido o contato com a sociedade envolvente e a incorporação das novas tecnologias em nosso meio e isso nos traz pontos positivos e também negativos.

As mudanças no modo de viver foi um conceito central que este documentário: Velhas Raízes, Novos tempos: Cultura e Tradição do Povo Akwê-Xerente procurou abordar, sobre a cultura, tradição, costumes e hábitos do nosso povo Akwê-Xerente.

Trouxe também, através de entrevistas, a vivência do passado através dos anciãos e a vivência atual através dos jovens Xerente, juntamente com a incorporação gradativa de novas tecnologias em nosso meio.

Os quatro entrevistados, sendo dois anciãos e dois jovens, falam do modo de viver deles, da incorporação das novas tecnologias e do contato que temos dos não-indígenas, trazendo conclusões individuais a respeito das consequências que isso traz para o nosso meio e para as próximas gerações.

Durante as entrevistas os anciãos reforçam a importância da nossa cultura e o quanto a nossa vivência mudou dos tempos deles para cá. Eles ressaltam que o contato com a sociedade envolvente trouxe novos costumes principalmente com o uso das tecnologias, e também eles fazem um desabafo de preocupação que muitos de nós estamos deixando de praticar os nossos costumes para seguir os do não-indígenas, ressaltando que isso não é muito bom para nós e para o futuro do nosso povo.

Já os jovens falam como está sendo a vivência atual com os não-indígenas e o uso dos meios tecnológicos. Também fazem uma reflexão sobre a importância da cultura e da presença e ensinamentos dos anciãos para todos nós e dão suposições de como será o nosso futuro sem os nossos anciãos se não seguirmos os conselhos e ensinamentos deles.

Por fim, tanto os anciãos quanto os jovens deixam uma mensagem a todos os Akwê-Xerente para que possamos valorizar mais a nossa cultura, para que não deixemos de praticar nossos costumes e para lutarmos e protegermos as nossas terras e nos esforcemos sempre para entender o valor dos dois conhecimentos em prol da defesa da nossa cultura Akwê-Xerente.

De fato, o propósito do documentário foi contribuir com a nossa cultura Xerente, trazendo a reflexão sobre as nossas tradições e a influência de novos hábitos e contextos interativos.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBURQUE, Francisco Edviges; CALDAS, Raimunda Benedita Cristina; ARAÚJO Marcilene de Assis; ALMEIDA, Severina Alves de. **Ensino de línguas numa perspectiva intercultural**. DROPA, Romualdo Flávio; **ALBUQUERQUE, Francisco Edviges: A cultura e a língua indígena na constituição federal de 1988**. BARROS, Leicijane da Silva; PEREIRA, Uagne Coelho; ANDRADE, Karylleila dos Santos; SIMAS, Hellen Cristina Picanço. **CRENÇAS NA ESCOLA: Reflexões acerca de Aspectos Sociolinguísticos que Influenciam no Aprendizado da Fala e da Escrita**. Campinas (SP): Pontes Editores. 2016.

ANJOS, Ana Carolina Costa dos; FRAGA, Camila Komatsuzaki; NILO, Adriana Tigre Lacerda. **A Cultura Xerente e a Influência da Mídia no Redimensionamento dos Contextos Interativos na Aldeia Porteira no Tocantins**. XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Goiânia – GO. 2010. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2010/resumos/R21-0049-1.pdf>>. Acesso em: 22 de jun. 2021.

BRITO, Wakedi da mata. **A chegada da tecnologia da educação do povo Xerente**. Disponível em <<http://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/17547/5/Artigo%20-%20%20Wakedi%20da%20Mata%20Brito%20-%202017.pdf>>. Acesso: 29 de nov. 2020.

CANDEIAS, Victor. **Introdução Guião para Documentário**. Edições Universitárias Lusófonas. Lisboa, 2003.

G1 To. **Conheça a história dos Xerente, um dos povos participantes dos JMPI**, 21 de set. 2015. Disponível em <<http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2015/09/conheca>

[historia-dos-xerente-um-dos-povos-participantes-dos-jmi.html](#)> Acesso: 28 de Nov. de 2020.

IBGE, Senso 2010: **Características Gerais dos Indígenas: Resultados do Universo**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_gerais_indigenas/default_caracteristicas_gerais_indigenas.shtm. Acesso em: 18 de set. 2021

ODIN, Roger. **Filme documentário, leitura documentarizante**. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, v.39, n. 37, p. 10, 2012. Disponível em: <WWW.revistas.usp.br/significacao/article/view/71238>. Acesso em: 19 de set. 2021.

OLIVEIRA JÚNIOR, ElvioJuanito Marques de. **@Kwẽ-Xerente: A Ressignificação das Tradições Culturais e o Protagonismo Indígenas de Tocantínia -TO no Facebook**. 2018. 130 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós Graduação em Comunicação e Sociedade), Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/1147>>. Acesso em: 18 de set. 2021.

Pib.Socioambiental.**Povos indígenas no Brasil**, agosto de 1999. Disponível em<<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xerente>> Acesso: 28 de nov. 2020.

SILVA, Julia Izabelle da. **Entre Conflitos e Resistências: Usos e Atitudes Linguísticas de Jovens indígenas Akwẽ-Xerente**. Goiânia – GO. 2014. Disponível em<<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/6206/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Julia%20Izabelle%20da%20Silva%20-%202014.pdf>>. Acesso em: 05 de jul. 2021.

SILVA, Cleuber Alves. **E os índios corriam por aí – Das lutas pela terra e de um povo indígenano norte de Goiás (1900-1971)**.Revista Brasileira de História & Ciências Sociais –RBHCS, Vol. 10, n. 20, p.158 – 159, Jul/ dez. 2018. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10793/pdf>. Acesso em: 29 de nov. 2020.

TEBALDI, Andreia; TESCAROLLO, Andreia; BERGAMO, Marília. **Brincando na Rua – O resgate da infância que não foi perdida**. 1ª Ed. Campinas (SP). 2000.

WEWERING, Silvia Thêkla (org). **Povo Akwe Xerente: Vida Cultura Identidade**. 2011. (no prelo).

9. ROTEIRO DE GRAVAÇÃO

DOCUMENTÁRIO: VELHAS RAÍZES, NOVOS TEMPOS: CULTURA E TRADIÇÃO DO POVO AKWÊ-XERENTE

SEQUÊNCIA 1

O documentário dar o início com as imagens aéreas da aldeia Zé Brito - Hêspohurê e Salto – Kripré, onde foi feita as gravações dos entrevistados, durante a passagem das imagens das aldeias aparece o nome do documentário: Velhas Raízes, Novos Tempos: Cultura e Tradição do povo Akwê-Xerente. Também foi usado a trilha do dasipê (da festa cultural) do nosso povo Akwê - Xerente cantada pelo ancião Antônio Mrmĩrkopte Xerente.

SEQUÊNCIA 2

Continua com as imagens em *off* representando cada parte da minha narração.

Texto do off traduzido em português:

Eu sou Kamilla Smikadi Rodrigues Arruda da Silva Xerente, sou mulher indígena, sou neta, sou filha, sou irmã, esposa, mãe, sou acadêmica da UFT, aluna de jornalismo diante da elaboração do trabalho de conclusão de curso.

Reflito sobre o modo de ser do meu povo indígena Akwê-Xerente, gosto de constatar as tradições que continuam preservadas e também de observar aquelas que vêm passando por mudanças a cada dia ao longo dos anos à medida que principalmente os jovens convivem com as tecnologias da sociedade envolvente.

Considerando que historicamente nossos direitos indígenas estão sendo violados ressaltamos que este vídeo documentário será na minha língua materna Akwê-Xerente que é uma parte significativa da nossa identidade cultural.

SEQUÊNCIA 3

Entra a entrevista da anciã Isabel Warktidi Xerente que fala do passado (ahãmhã).

Kamilla: Vó Warktidi antigamente como os Akwê andavam? Como era a comida? Como era a vestimenta? Como era a cultura? Relata pra mim.

Isabel: Antigamente andávamos dessa forma, do jeito que estou agora, pintada como estou, de saia como estou agora, antigamente não tinha vestido, só blusinhas de alça. Antigamente a comida não era como o de hoje em dia, hoje em dia nós misturamos comida de antigamente com comida dos não indígenas. Antigamente a gente fazia paparuto, berarubu; antigamente os homens trabalhavam, plantavam mandioca, inhame, eu mesmo já plantei, por isso a gente consumia somente alimentos da roça.

Antigamente nós mulheres não conhecíamos o hospital, inclusive eu, eu parei de ter filho sem ter ido ao hospital, portanto não conheço essa parte. Com a Sidi alí (Filha adotiva) falei muito em Palmas, fui sincera, falei duro com o não-indígena. Para que os não-indígenas nos ensinaram a ir ao hospital?! A gente entra ao hospital com os filhos sentindo medo, não sabemos falar bem o português, não sabemos responder, não sabemos nos comunicar direito. Até que agora a maioria sabe falar, eu, mesmo “misturando” (língua akwê com português) eu sei responder, falo muito bem.

SEQUÊNCIA 4

Entra a entrevista do ancião Valdeciano Kasumrã Xerente que fala da sua preocupação (dapkêzako).

Valdeciano: Antes de ter esses aparelhos, esse que está tocando, antes de ter televisão e essa luz só tínhamos um costume um pensamento. Depois surgiu energia, luz, televisão, os estudos, isso aqui que está nos gravando. Às vezes eu paro para pensar sobre tudo isso, para vocês isso é bom, para nós não, a gente se preocupa porque talvez vocês possam entrar de vez nesse “mundo” deles.

Lá na frente, depois que todos nós anciãos morrermos, os costumes dos jovens serão diferentes, irão deixar os costumes de hoje em dia, lá na frente quando não existirmos mais vai ser diferente, será um outro costume.

Meu pensamento é o seguinte: Seria muito bom se vocês jovens se esforçassem em aprender sobre as duas culturas, mas não está sendo assim, talvez alguém leva a sério a nossa cultura, e outro já dá menos importância, deixa os nossos costumes para trás e segue a sociedade envolvente. Isso não é bom, eu fico imaginando se isso continuar, como vai ser quando tiverem filhos? Não vão saber ensinar direito sobre nossa tradição e vão aprender somente os costumes dos não-indígenas.

SEQUÊNCIA 5

Entra a entrevista do Edilberto Waikairo Xerente que fala do presente (Tâkâinihã).

Kamilla: Na sua casa tem eletrodomésticos que fazem parte da sociedade envolvente? Telefone, televisão, aparelho celular, geladeira, isso tudo tem em sua casa?

Edilberto: Assim, hoje em dia tudo é diferente, em nossas casas temos muitas coisas que são dos não-indígenas, que nós mesmos estamos atraindo para a gente, devido a rede de energia que também nos traz a luz. Hoje, de longe, a gente assiste tudo que está acontecendo no mundo através do celular. Na maioria das casas aqui tem televisão, tem telefone, celular...

Kamilla: Queria perguntar o seguinte, depois que os nossos anciãos falecerem, como as coisas vão ficar para a nova geração? Será que tem jovens para substituir os anciãos, para liderar por nós, pelos filhos e netos, que saibam falar sobre a nossa cultura, nossa tradição?

Edilberto: Isso está começando, já nos restam poucos anciãos que nos dar os ensinamentos e a festa cultural também está acontecendo poucas vezes, não está sendo como antes. Então isso será com agente, nós jovens que estamos buscando conhecimento, estudando, agora vamos ter que ver isso, nós jovens!

SEQUÊNCIA 6

Continua com a entrevista da anciã Isabel Warktidi Xerente que fala de sua preocupação com o futuro (hãreptânãhãdapkêzako)

Isabel Warktidi: É para isso que os jovens de hoje em dia estão se esforçando, mas não é todos, são poucos. Tem jovens que estão para lutar e morrer conosco, mas também tem jovens que querem nos vender ao não-indígena como se vendesse um gado. Estuda, estuda, se acha sabidão, mas isso não é bom, eu falo claramente, nós anciãos, depois que nós todos falecermos, os jovens vão lembrar e chorar! Alguns vão chorar, pode guardar isso, isso aqui pode passar dez anos, vinte anos, trinta anos, mas se você assistir isso aqui você vai escutar e você vai se lembrar de mim dizendo: “A vovó estava certa em sua fala”, quer ver!

SEQUÊNCIA 7

Entra a entrevista da Janaína Smĩkidi Xerente que fala da mistura de língua Akwẽ com o português (akwẽ na kãtô ktãwankõ na damrmẽ siwazari).

Kamilla: Hoje em dia, estamos misturando a nossa língua materna com o português, porque será que estamos fazendo essa mistura, na sua opinião?

Janaina: Hoje em dia misturamos as duas línguas porque temos contato com os não-indígenas e com sua língua e porque também estudamos, por isso fazemos essa mistura.

Eu aprendi algumas coisas com os não-indígenas. Hoje todos nós andamos vestidos e eu vejo os não-indígenas vestidos com roupas também.

SEQUÊNCIA 8

Continua com a entrevista da anciã Isabel Warktidi Xerente.

Isabel Warktidi: Muitas vezes eu só falo, eles escutam mas não me obedecem, eles apenas ouvem mas não sentem e não guardam dentro do coração. Para pensar para sempre não pensam bem. Nós já somos adultos, já somos anciãos e quase todos os anciãos já faleceram. Olha como já estamos misturando a nossa língua materna com o português, acabou para os anciãos já estão todos partindo. Não sei como vai ficar a nossa tradição, isso já estou escutando, eu mesma já estou escutando.

SEQUÊNCIA 9

Continuar com a entrevista da Janaína Smĩkidi Xerente que fala dos ensinamentos dos nossos avós (Wahirda nmĩ rowahdu).

Kamilla: Hoje em dia nossos avós nos ensinam muitas coisas, desde pequenos eles nos falam da cultura e das coisas boas. Como você olha os nossos anciãos, aqui na aldeia, o que você imagina a respeito deles?

Janaina: Se escutarmos os nossos avós seremos iguais a eles um dia, tem jovem que é teimoso, que não escuta, mas aqueles que sabem escutar andarão e falarão da cultura no futuro.

SEQUÊNCIA 10

Continua com a entrevista do ancião Valdeciano Kasumrã Xerente que fala da sua preocupação com a nossa tradição (Wanĩm romkmãdkã nã dapkêzako).

Valdeciano: Eu me preocupo com tudo, olha isso e isso aqui, os jovens não sabem fazer isso, desses aqui eles podem até fazer, mas fazem mal feito. Alguns não sabem nem como isso se chama, nem disso aqui, não sabem dizer como essas coisas se chamam desde antigamente.

Os costumes agora estão se virando mais para os não-indígenas, sendo que demos nomes às coisas nossas, muitos usam o português para chamar as coisas nossas, nossos costumes estão indo embora, vocês estão deixando para trás, com isso tudo estou preocupado!

Os nossos jovens não querem saber quase de nada, só chegam em nós quando precisam para contar algo ou quando acontece algo de ruim e por esse fato não contamos história a eles para não pegar em coisa dos outros, em algo indevido. Agora está sendo assim, tudo diferente, nossa tradição está se modificando, está fraco, tudo isso está muito fraco, não é como antigamente, antigamente os nossos costumes era diferente.,

SEQUÊNCIA 11

Continuação da entrevista do ancião Valdeciano Kasumrã Xerente deixando uma mensagem aos jovens (waptem mã awẽ kuhã romkmãdkã nã damrmẽze).

Kamilla: Que mensagem deixaria para os jovens?

Valdeciano: Aos jovens quero falar para não acabarem com a nossa tradição, para protegermos, não podemos deixar nossos costumes, por causa de seus estudos não pensem mal dos nossos costumes, da nossa tradição, o nosso é nosso, deles e deles.

Se amarmos nossa cultura sempre será bom, não vamos deixar de mão! Estou falando isso enquanto estou vivo, eu sempre falo que não quero que deixemos de mão, não quero, temos que valorizar nossa pintura, nossa língua materna.

SEQUÊNCIA 12

Mensagem da Janaina Smĩkidi Xerente

Janaina: Se fosse para deixar uma fala minha seria para não deixarmos de praticar nossos costumes, nossa cultura, não seguir a cultura da sociedade envolvente, porque se seguirmos somente o nosso para mim seria bom e bonito se seguirmos a nossa tradição e cultura sempre.

SEQUÊNCIA 12

Mensagem final do Edilberto Waikairo Xerente

Edilberto:Então vamos nos esforçar, para aprendermos pelo menos um pouco de conhecimento da sociedade envolvente em prol de nós mesmos, para sermos respeitados, para nos firmar e para não deixarmos nossa terra porque ainda a amamos, não deixarmos nossa língua materna porque também a amamos e ainda existe. Às vezes demora a acontecer, mas a festa cultural ainda não acabou e também conversamos ainda na nossa língua, ainda temos a formalidade de chamar um ao outro e isso tudo eu explico no local onde dou aula.

Vamos pegar firme, pensar seriamente, agora são vocês que serão a nova geração estudantes. Então vamos ter força, persistência para proteger nossas terras; só assim seremos respeitos e irão nos respeitar como indígenas.

SEQUÊNCIA 12

ENCERRAMENTO – WDÊ PA KRDA, WAHUM TE - VELHAS RAÍZES, NOVOS TEMPOS

O encerramento do vídeo-documentário foi feito numa paisagem natural, embaixo de mangueiras, ao som da mesma trilha usada no início do documentário, com quatro mulheres do mesmo tronco familiar, sendo; a avó, a mãe, a filha e a neta, representando as quatro gerações. Por fim, sugerindo a passagem do tempo transgeracional, a mãe da bebê assume a figura da bebê quando estiver, futuramente, na sua juventude.

Assim, vemos cada uma delas ir para trás da mangueira lentamente, saindo a geração seguinte. Primeiro será a anciã e saíra uma mulher mais nova (sua filha), essa (que

também é mãe) irá novamente para trás da mangueira e saíra (sua filha); uma jovem mãe. Em seguida, esta prossegue o ciclo, dando continuidade, e sai com sua filha em seus braços. Depois volta com a criança em seus braços e saí sozinha, representando a menina quando mais velha; fazendo uma *self* no celular.